

## APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem o Dossier abordam, de diferentes formas, o lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários na contemporaneidade. O prestigiado linguista Louis-Jean Calvet é entrevistado pela professora Telma Cristina Pereira, do Instituto de Letras da UFF, e destaca a relação permanente entre teoria e prática no âmbito dos estudos linguísticos. O ensaio do autor convidado, professor José Carlos de Azeredo, “A análise gramatical e a explicação de textos”, aborda com clareza tema controverso, qual seja o lugar que a gramática ocupa nas análises textuais. Em seu artigo, demonstra, com o comentário de textos ilustrativos, a relevância da análise gramatical na interpretação de textos, como meio de oferecer aos estudantes uma real perspectiva de alargamento dos horizontes intelectuais e culturais.

A seção Dossier é composta ainda por outros oito artigos que discutem questões teóricas do contemporâneo. Por isso, impõe-se uma breve reflexão em torno desse conceito. Afinal, o que é mesmo o contemporâneo?

Evidentemente, não podemos reduzir o contemporâneo ao atual, ao que corresponde ao tempo presente, pois como já mostrara Walter Benjamin, a História não é um *continuum*, mas uma construção cujo lugar é “um tempo saturado de agoras”. No mesmo sentido, Nietzsche entendia, em suas *Considerações intempestivas*, que pertence verdadeiramente a seu tempo aquele que não coincide perfeitamente com este, pois, a partir de uma desconexão ou dissociação, ele pode perceber melhor seu tempo. No livro intitulado precisamente *O que é o contemporâneo?*, Giorgio Agamben propõe, na esteira de Nietzsche e Benjamin, que contemporâneo é aquele que “não se deixa cegar pelas luzes do século” mas, pelo contrário, “mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”.

Georges Didi-Huberman discute com o filósofo italiano em seu livro *A sobrevivência dos vaga-lumes*, convidando não a “mergulhar a pena nas trevas do presente” (Agamben) mas ver, *apesar de tudo*, as pequenas luzes que, como as dos vaga-lumes, são provisórias, intermitentes, frágeis. É possível, diz Didi-Huberman, enxergar nessas pequenas luzes uma potência que ressurge face a claridade ofuscante do poder. Assim, como propõe Roberta Paiva, no texto

publicado no Dossier a seguir, “A visada do contemporâneo sobre a tradição”, a imbricação que une tradição e contemporaneidade encontra-se não tanto nos desdobramentos factuais, temporais ou objetivos da história quanto nos nossos próprios olhos, na agudeza do olhar ou na nossa capacidade de enxergar.

A intervenção de Ariadne Costa, no debate em torno do lugar da teoria no contemporâneo, propõe a ideia de “horizontalidade” como paradigma que atravessaria a crítica literária e num sentido mais amplo, o modo como se produz e se organiza o conhecimento, e também “uma nova arquitetura das organizações humanas”, que implica a descentralização e disseminação do poder. Movimentos como a Primavera Árabe, o M-15 e o Occupy, sintomáticos de uma reorganização dos modos de convivência, têm algo a nos ensinar, sobre o estar no mundo hoje. Esses movimentos parecem coroar uma série de ideias que vinham se desenvolvendo na teoria produzida nas últimas décadas. É o caso, por exemplo, das ideias sobre a crise e reinvenção do comum e da comunidade de Toni Negri e Judith Revel, ou das ideias sobre a multidão de Paolo Virno e de Howard Rheingold e a noção de subjetividade coletiva desenvolvida por Felix Guattari. A horizontalidade funciona também nas nomeações que têm recebido, por parte da crítica, as expressões literárias do presente: pós-autônomas, híbridas, heterônimas, mutantes, inespecíficas. Talvez essa confluência seja uma das marcas, como aponta Ariadne Costa, de que “mais do que ler obras, os estudos literários se tornaram uma ferramenta para ler o mundo”.

Num sentido convergente com a aproximação da Ariadne Costa à literatura contemporânea, a partir da hibridez e a inespecificidade, o texto de Jacques Fux e Henrique Lee identifica nas estratégias narrativas do escritor francês Georges Perec aquelas que possibilitam que seu texto deslize entre modelos classificatórios distintos, tornando praticamente impossível a definição de seu caráter ficcional por meio dos elementos tradicionalmente utilizados para caracterizar o conceito de ficção. Entre outros procedimentos, Perec preenche a página como um espaço a se percorrer de várias formas possíveis, uma vez que ele escreve, não apenas horizontalmente, mas também à margem da folha, de cima para baixo ou em diagonal. A obra inclassificável de Perec põe em questão conceitos da teoria como mimese ou “ilusão referencial”, motivo pelo qual os autores do artigo assinalam esse atravessamento de fronteiras a partir da noção de “fluidez”, proposta por Zygmunt Bauman em *Modernidade líquida*, como metáfora do mundo contemporâneo.

Gabrielle da Silva Forster e Vera Lúcia Lenz reflexionam a partir de outra passagem ou zona de indiscernibilidade e de indiferenciação, aquela do “devir impessoal” que se produz na escrita de acordo com Gilles Deleuze. É nessa travessia que se encontra a potencialidade da arte com relação a seu presente, e essa potência do impessoal se aproxima, segundo as autoras, do “neutro” proposto por Maurice Blanchot: manifestação do fora, do outro, o impessoal, que é voz de todos enquanto voz de nenhum. A partir daí, as autoras empreendem um questionamento do estatuto do autor, que passa também pela obra de Felix Guattari, Michael Foucault e Roland Barthes, tornando a discussão fundamental para se pensar a literatura contemporânea.

Érica Cristina dos Santos e Marta Passos Pinheiro apresentam, em “O lugar da teoria no ensino da literatura”, uma reflexão sobre as especificidades da literatura e a relação entre teoria e prática docente, questionando as concepções de literatura e as escolhas dos textos que vigoram no ensino médio, assim como as formas de abordagem desses textos.

No artigo “Pesquisa quantitativa e qualitativa em Sociolinguística: dadaísmo metodológico?”, Caroline Rodrigues Cardoso reflete sobre uma possível confluência entre metodologia quantitativa e qualitativa na pesquisa Sociolinguística e procura demonstrar que qualquer enfoque metodológico depende do tema a respeito do qual se desenvolve uma tese. A “pergunta da pesquisa”, conclui a autora, levará ao uso de métodos e/ou técnicas abarcadas pela visão epistemológica do pesquisador.

Na sequência, Letícia Rezende Stallone, na perspectiva da Sociolinguística Interacional, investiga questões de identidade por meio da apresentação da tipologia desenvolvida por Vion com o texto “Como tratar as identidades na pesquisa linguística”. Procura demonstrar que, aliada a noções fundamentais da Sociolinguística Interacional, como enquadres e gêneros, a tipologia parece produtiva para entender as relações próximas em sua complexidade e heterogeneidade.

Em “Lógica em linguística: o quadrado semiótico e os estados intencionais da pragmática”, Daniel Felix Costa Jr. tenta esclarecer conceitos de termos e operadores lógicos, utilizados em algumas teorias da Semiótica e da Pragmática. Caracteriza, assim, o “quadrado semiótico” e os estados intencionais, tópicos bastante discutidos na atualidade, com a intenção de otimizar o seu emprego.

Finalizando os estudos de natureza linguística, Alcione Tereza Corbari, em “A modalização deôntica no artigo de opinião: força ilocutória regulada pelo contexto enunciativo”, propõe uma descrição dos elementos deônticos considerando sua atuação no texto opinativo, mais especificamente no artigo de opinião. Comprova a autora que, nesse contexto enunciativo, ocorrem nuances da modalização deôntica, que podem ser compreendidas dentro dos polos possibilidade-necessidade, tendo em conta a relação que o produtor do texto estabelece com seu texto e com o interlocutor.

A seção *Diversa* é aberta por Lucila Bonina Teixeira Simões, que, no artigo “Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte”, discute dois conceitos fundamentais para a teoria e a crítica da literatura infantil: a concepção de criança sobre a qual se constroem as obras infantis e a função social atribuída à literatura infantil. A autora analisa a forma por meio da qual teóricos brasileiros da literatura infantil trataram dessas conceituações e o modo como as diferentes concepções de infância determinaram o percurso da literatura infantil no país.

Como fechamento da seção *Diversa*, apresenta-se o texto “A negatividade da linguagem e a voz”, de Sarah Valle Camargo, que revê a relação entre linguagem e morte. A autora suscita questionamentos acerca do *status* da linguagem na contemporaneidade, a partir do livro *A Linguagem e a Morte*, no qual o filósofo italiano trata da negatividade fundamental do ser da linguagem e do ser do homem como motores dialéticos que permitem a abertura do ser no *ter-lugar* da linguagem, sustentado pela negatividade da Voz.

Espera-se que este conjunto de textos que manifestam pontos de vista diferenciados sobre *o lugar da teoria* nos estudos linguísticos e literários seja uma leitura instigante no sentido de suscitar outras reflexões sobre o tema proposto e, assim, contribuir para uma visão ampliada e diversificada dos fenômenos abordados.